



JORNAL
DA UFV

Editorial

Estudos recentes do BNDES e IBGE mostram que a agro-indústria foi o setor mais dinâmico e rentável da economia brasileira no ano passado. Com área de plantio de aproximadamente 39 milhões de hectares, o segmento foi o principal responsável pelo saldo recorde de US\$ 14,7 bilhões na balança comercial, incluindo aí a indústria fornecedora, a produção de equipamentos, insumos, sementes e fertilizantes. O complexo do agronegócio respondeu por 33% das exportações.

Nas rodas de exportadores, os números provocaram até uma brincadeira: 'em 2001 o verdadeiro Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior foi o Ministério da Agricultura'. Não é piada, afinal o total das riquezas originadas pela agropecuária chegou a 11,1% do PIB nacional.

Para este ano, espera-se um PIB, somente agrícola, de R\$ 88 bilhões. E um dado interessante: as cidades do

interior estão mostrando excelência econômica de origem agrícola, ainda que o sistema de produção mereça algumas regras de proteção ao pequeno e médio agricultor, próximos da extinção.

Nesses 75 anos de existência, a UFV vem mantendo sua vocação rural, reproduzindo conhecimento aplicado às novas tecnologias que o mercado exige, intervindo nas melhorias do campo, por meio de consultores e pesquisadores, e formando milhares de profissionais, que vão semear novas riquezas no solo brasileiro.

Seguindo essa tendência, a partir desta edição, o Jornal da UFV reforça sua linha editorial voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão. A trilogia que se sedimentou de forma inovadora aqui na UFV, depois em outros estabelecimentos do país. Trilogia que determinou, durante todos esses anos, o trabalho de nossos editores e redatores, produzido com alta fidelidade.

Continuam a merecer destaques as conquistas mercadológicas de produtos e serviços, a tecnologia de alimentos, os

programas tecnológicos para agronomia e derivados, os programas ambientais e de agricultura familiar, e os cursos técnicos e profissionalizantes. Passamos a introduzir artigos analíticos e ensaios ligados ao pensamento universitário. Pretendemos com isso, sem deixar de focalizar a instituição, estimular a discussão acadêmica à luz da educação pública.

A propósito, a UFV está adotando um novo modelo de gerenciamento de informações denominado Sistema UFV de Comunicação, que integra a Coordenadoria de Comunicação Social, a Rádio e TV Viçosa e o Curso de Comunicação (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) para tornar a difusão da UFV mais ágil, consistente e mais bem direcionada. Os alunos de Comunicação vão utilizar algumas ferramentas empregadas nesse processo para aprimorarem os conhecimentos transmitidos na sala de aula. Nosso compromisso é com a objetividade e conteúdo social.

Mudam-se os tempos e os argumentos, mas o ufanismo quanto às potencialidades agropecuárias do Brasil continua o mesmo. A diferença, na era pós-Collor, é a presença da retórica neoliberal, que alimenta a crença de que a melhor providência para o aproveitamento dessas potencialidades é deixar a "mão invisível" do mercado operar livremente.

Sem dúvida, esse neo-ufanismo foi insuflado pelo desempenho produtivo do setor agropecuário ao longo da última década. Não obstante, entre esse desempenho e o desempenho econômico, do ponto de vista da sociedade, há uma distância muito grande. Considere-se, por exemplo, a cadeia do leite que, embora tenha registrado um dos maiores crescimentos da produtividade, foi motivo de uma CPI na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. O relatório da comissão mostrou que os produtores estão à míngua, o sistema cooperativista desarticulou-se, a pequena e média indústria laticinista nacional foi engolida ou expulsa pelo capital estrangeiro e a relação custo-benefício para os consumidores não parece tão favorável como previam os apologistas da modernização tecnológica.

Os relatórios neo-ufanistas alardeiam os recordes de "tonelagens" de grãos, a tendência de queda dos preços reais dos alimentos e os números do superávit comercial externo do agrobusiness. Assim como a triste sina Argentina, qualquer referência a recordes de "tonelagens" de grãos na América Latina pode fazer penar a alma de Prebisch. Estará o Brasil se tornando uma grande plantação? Será esse o seu destino no mundo globalizado? Além disso, estarão sendo essas marcas alcançadas em condições razoáveis de sustentabilidade ambiental? Fala-se muito das potencialidades agronômicas do cerrado, mas muito pouco sobre os impactos ambientais da produção agrícola nessas áreas, especialmente no que concerne aos recursos hídricos, cujo esgotamento é cada vez mais visível.

Os preços reais, especialmente os recebidos pelos produtores, estão, de fato, em

O Neo-Ufanismo

JOSÉ MARIA ALVES DA SILVA*

tendência de queda há muito tempo e de forma mais acentuada na última década. Mas será que isso está contribuindo para melhorar a situação do povo brasileiro? A queda dos preços dos alimentos só será socialmente auspiciosa se contribuir para a elevação da massa salarial, em termos reais, sem comprometimento das condições ambientais. Quem pode afirmar que isso está ocorrendo? A capacidade de comprar alimentos, no agregado, poderá mesmo diminuir se, a despeito da queda dos preços, a participação dos trabalhadores na renda cair devido, principalmente, à piora das condições de emprego. Para as classes de renda média e alta, alimentos mais baratos favorecem o consumo de bens e serviços "pós-modernos", cuja produção, como se sabe, não é intensiva em mão-de-obra nacional. Enfim, as implicações econômicas e sociais da queda dos preços dos alimentos são muito complexas e sutis, como David Ricardo já bem havia indicado. Antes de uma detalhada análise dessas implicações, que leve adequadamente em conta os aspectos social e ambiental, não se pode tomar como benfeitoria qualquer tendência declinante de preços agropecuários. O que era bom para a Inglaterra de David Ricardo não necessariamente o será para o Brasil "englobalizado".

Enfatiza-se o superávit do agrobusiness, mas e quanto ao balanço de transações correntes do complexo agroindustrial integrado com o resto do mundo? Levando-se em conta as importações de todos os insumos necessários à produção doméstica, os pagamentos de direitos sobre a propriedade de tecnologia, remessas de lucros sobre o capital estrangeiro aplicado nas cadeias nacionais etc., de quanto seria o superávit? O Chile, por exemplo, que é um país pequeno, exporta mais de US\$ 2 bilhões em frutas e vegetais frescos. Mas, do valor total da produção ali realizada, quanto é apropriado pelo país, haja vista o fato de que as cadeias internacionais de frutas e vegetais frescos são controladas

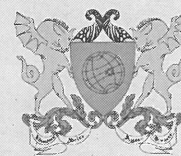
por grandes tradings norte-americanas e européias? Os tentáculos dessas tradings estão cada vez mais visíveis nos agropolos de fruticultura do

Brasil. Há alguma semelhança com as "repúblicas das bananas"? E quanto à perda de autonomia estratégica? Sabe-se que estamos batendo recordes de produção de grãos, mas não que perdemos o controle da produção dos insumos mais indispensáveis, como a semente.

Considerações científicas sobre essas e outras indagações, embora existam em bom número nas universidades, fazem pouco eco na sociedade. O ufanismo repercute mais, como bem mostra o artigo "A nova agenda da agricultura", de Gesner Oliveira, publicado no "Folha de São Paulo" (Dinheiro, 16/3/2002). O articulista prevê a necessidade de certo ativismo estatal "para assegurar a vantagem competitiva da agricultura brasileira". Reconhece, pois, que só a "mão invisível" não basta. Mas suas recomendações restringem-se às ações de política externa contra o protecionismo dos norte-americanos e europeus, ao provimento de infra-estrutura estratégica para exportação, à fiscalização e ao marketing no agrobusiness (promoção da marca Brasil) e ao apoio à pesquisa. Nada que pareça implicar grandes esforços e mobilizações, coordenados e integrados num plano nacional estratégico multidimensional.

Na recomendação de apoio à pesquisa, o autor parece também subestimar a complexidade das ações coordenadas e os vários envoltórios institucionais que deveriam estar previstos no detalhamento de um tal plano. Ao menos é isso que dá a entender sua afirmativa de que "a ação da Embrapa em parceria com o setor privado foi decisiva na adaptação da soja ao cerrado". A bem da justiça, não foi só a parceria da Embrapa com o setor privado que viabilizou a soja no cerrado. Universidades públicas, como a Federal de Viçosa e a USP/Esalq, também tiveram participações decisivas, diretamente, na geração de pesquisas e, indiretamente, na formação dos quadros da própria Embrapa.

*Professor do Departamento de Economia Rural e Assessor Especial da Reitoria



JORNAL DA UFV

PUBLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA

Registro no Cartório de Títulos e Documentos da
Comarca de Viçosa sob o nº 04, livro B, nº 1, fls. 3/3v

ADMINISTRAÇÃO

Ed. Arthur da Silva Bernardes
- Campus Universitário -

CEP 36571-000 - Viçosa - MG
Telefax (31) 3899-2245
E-mails: pcd@mail.ufv.br
afsaria@mail.ufv.br

REITOR

Evaldo Ferreira Vilela

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO
SOCIAL

Paulo César Brant Campos

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Antônio Fernando de Souza Faria
Reg. 2.614 DRT/MG

DIVISÃO DE IMPRENSA

Antônio Fernando de Souza Faria

DIVISÃO DE PROPAGANDA E
PUBLICIDADE

Edilson Camilo Mendes

DIVISÃO DE RELAÇÕES
PÚBLICAS

Yara Vaz de Mello

CHEFE DA DIVISÃO DE
GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

Alberto Simão da Silva

EQUIPE DE REDAÇÃO

Álvaro César Santa'Anna,
Antônio Fernando de Souza Faria
e José Paulo Martins

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Márcio Jacob

REVISÃO

Maria do Carmo da Costa
Val Gomide

FOTOGRAFIA

Adir Gomes da Silva e
Jacir Gomes da Silva

IMPRESSÃO

Impresso na Divisão de Gráfica
Universitária



CENTRO DE
PRODUÇÕES
TÉCNICAS

GOVERNO
FEDERAL

12 de
junho de
2002

2